

Adolescência e laço social: uma busca no tempo

ROSELENE GURSKI* & MARCELO ANDRADE PEREIRA**

Resumo: Este artigo problematiza as questões da adolescência contemporânea, desde a perspectiva da psicanálise e do conceito de experiência e transmissão em Walter Benjamin. Através da análise do filme “Uma vida iluminada”, os autores demonstram o quanto o tema do tempo é um operador potente para problematizar a constituição do sujeito adolescente no laço social atual.

Palavras-chave: Adolescência; Psicanálise; Experiência; Tempo; Transmissão.

Abstract: This article discusses the issues of contemporary adolescence from the point of view of psychoanalysis and the concept of experience and transmission of Walter Benjamin. Through the analysis of the film “Everything Is Illuminated,” the authors show how the theme of time is a powerful tool to discuss the constitution of the adolescent subject in the current social bond.

Key words: Adolescence; Psychoanalysis; Experience; Time; Transmission.



* **ROSELENE GURSKI** é Psicóloga e Psicanalista; Profª. Adjunta do Departamento de Psicanálise e Psicopatologia do Instituto de Psicologia (UFRGS); Membro da Associação Psicanalítica de Porto Alegre; Mestre em Psicologia do Desenvolvimento (UFRGS); Doutora em Educação (UFRGS); Coordenadora da Clínica Maud Mannoni – atendimento, ensino e pesquisa; Vice-coordenadora do NEPEIA – Núcleo de Estudo, Pesquisa e Extensão sobre Infância e Adolescência (UFRGS). Email: roselenegurski@terra.com.br



** **MARCELO ANDRADE PEREIRA** é Doutor em Educação. Professor adjunto do Departamento de Fundamentos da Educação da UFSM. Professor do Programa de Pós-Graduação em Educação – UFSM. Coordenador do FLOEMA – Núcleo de estudos em estética e educação da UFSM. Endereço eletrônico: doutorfungo@gmail.com



O encontro freqüente entre o tema da adolescência e do laço social não é casual. Revelador da irreversibilidade do enlace entre sujeito e Outro, o adolescente pode ser tomado como o sujeito paradigmático de seu tempo. Ávido, do ponto de vista estrutural, pela construção de novos *nomes do pai*, ele busca profundamente na cultura da época em que vive e em seus dispositivos, motes de inspiração para a constituição de outras significações de si: tempo revelador, portanto, da torção irredutível entre o social e o psíquico (FREUD, 1980).

Nesse sentido, este artigo toma uma narrativa filmica como mote de discussão para abrir interrogações e reflexões caras ao jovem contemporâneo. Uma das perguntas que nos fazemos é: se a grande questão de todo sujeito humano, e mais ainda do sujeito adolescente, é encontrar modos de se representar no discurso, como o jovem de hoje faz para se representar? Como vivencia essa passagem subjetiva em meio às configurações do tempo no laço da cultura atual? De que modo lidam com a fragilidade da “película

simbólica” legada pela cultura desta época?

Em nossas pesquisas, inquieta-nos o fato de a adolescência ter se tornado, na época atual, um tempo pautado por incertezas. A reflexão urge pois, justamente, do ponto de vista estrutural, a adolescência é o momento próprio da tomada de uma posição. Como diz Jerusalinsky (*apud* MELLO, CASTRO, GEIGER, 2004, p. 54-65), a adolescência é o tempo no qual o sujeito se confronta com a condição não *ad hoc* da lei e das decisões, momento em que é convocado a uma outra posição com relação ao ato.

Tal formato de relação com o ato constitui, por certo, uma das condições injuntórias para o adolescente, colocando-o, muitas vezes, próximo da angústia. Isso ocorre, especialmente, ao pensarmos nas configurações atuais, a partir das quais se estabelece uma dialética, cada vez menos pacífica, entre a espera e a precipitação.

Nesse diapasão, sabemos que vários são os sintomas que se manifestam; dentre eles destacamos o aumento considerável de jovens em conflito com a lei, os

índices de suicídio e o uso cada vez maior de drogas, sejam elas lícitas ou ilícitas.

Uma das hipóteses que tem nos orientado nas pesquisas acerca das questões que o contemporâneo produz na subjetivação juvenil, é de que os atos extremos dos jovens estariam funcionando como modos de representação no espaço social, formas que eles utilizam a fim de obterem um reconhecimento que não é possível por outras vias.

Partindo destas questões, tomamos a narrativa *Uma Vida Iluminada* para interrogar, sobretudo, as facetas contemporâneas das condições com as quais os adolescentes se encontram na atualidade a fim de elaborar a operação psíquica que lhes concerne. Pensamos que o filme de Liev Schreiber, do ano de 2005, condensa de maneira muito precisa algumas das problematizações implicadas nos impasses do adolescer na contemporaneidade.

Em busca do tempo passado: uma busca rígida?

Uma busca rígida é a nomenclatura dada pelo personagem Alex à saga pela recuperação da memória realizada em conjunto com Jonathan, o protagonista do filme. É com esta expressão que Liev Schreiber, diretor do *road movie Uma vida iluminada*, inicia e dá sequência à narrativa de humor clownesco que se passa nos recônditos da Ucrânia. Ao que perguntamos: será o enlace entre o passado e o presente uma busca rígida?

Uma vida iluminada inicia, com efeito, por um anelo de recuperação e encontro com o passado. Jonathan é um jovem norte-americano cujo hobby é colecionar as marcas deixadas no tempo e no espaço por seus familiares. Isso inclui recolher os objetos mais inusitados, especialmente aqueles

portados por esse entes próximos. Jonathan parece, nessa ação de coleta, ansiar por algum testemunho. A esse amontoado de “coisas” somam-se os últimos rastros deixados a ele por sua avó que jaz no leito de morte, quais sejam: uma fotografia e uma dentadura. Jonathan parece, ademais, aguardar ali as últimas palavras da avó.

Na foto ofertada pela avó a Jonathan, vemos seu marido, o avô do personagem central, ainda jovem, ao lado de uma moça. As cenas deixam claro que a moça não é ela. Ao entregá-lhe a foto, a avó apenas diz que o avô queria que ele, o neto, ficasse com aquela fotografia para sua coleção. O jovem colecionador imediatamente toma aquela imagem como um enigma. Que saber poderia estar cifrado naquela foto? Que questão o avô lhe transmitia na expressão do desejo de que ele portasse um recorte que indicava nuances de seu passado e de sua história?

Impossível neste fragmento não pensar no texto *Experiência e Pobreza*, de Walter Benjamin (1994). Nele, o autor tratou do esvaziamento das transmissões geracionais através da parábola do pai moribundo que, no leito de morte, deixa uma espécie de enigma aos filhos. Benjamin, neste escrito, diz que as instituições higiênicas e sociais produzidas pela burguesia, ao longo do século XIX, permitiram aos homens evitar o espetáculo da morte. Morrer, que antes era um espetáculo público, passou a ser algo cada vez mais expulso do universo dos vivos. Na analogia que cria entre a autoridade da experiência e a morte sugere que é no momento da morte que o saber e a sabedoria do homem e da sua existência assumem, pela primeira vez, uma forma transmissível, pois no interior do agonizante desfilam imagens e o

inesquecível aflora de repente, conferindo a tudo que diz respeito a ele um tom de autoridade. O moribundo, no limiar da morte, faria uma aproximação entre dois mundos: o conhecido mundo dos vivos e o outro mundo desconhecido e estranho, mas também comum a todos. Da mesma forma, o viajante que vem de longe e o moribundo partilham de uma aura semelhante, a aura que confere a ambos uma autoridade suprema.

Neste recorte, Benjamin parece justamente interrogar um dos traços da contemporaneidade: esquivar-se da morte, enquanto representante radical da falta do objeto, do real parece estar associado a esquivar-se da enunciação, do aspecto narrativo que carrega o que tem de próprio no sujeito.

Lembramos que, para Lacan (2003), será o confronto com o real, com a dimensão da falta em sua radicalidade que fará surgir a possibilidade de produzir um dizer, uma enunciação, uma narrativa ou, por outro lado, a esquiva e a sutura da falta pela “apresentação” de algo que ocupe o lugar vazio. Assim é que o empobrecimento da narratividade acaba sendo o efeito desta relação tão apaixonada do sujeito contemporâneo com o objeto.

Na medida em que a narrativa transcorre, vemos se desdobrar a tal busca rígida da história, iluminada sempre pelos traços da memória dos objetos e das pessoas. Jonathan, como uma espécie de arauto de palavras vivas, um último herdeiro, atravessa as fronteiras que separam o presente do passado, buscando nos mínimos traços, as marcas de passagem de seus ancestrais.

Com a foto de seu avô em mãos, o protagonista segue para a Europa oriental; a busca rígida que inicia é na

verdade uma busca de si, de sua história, da memória coletiva que constrói a sua vida e a de seus familiares. Jonathan distingue-se por certo do “típico adolescente” que ocupa o centro dos debates em diferentes esferas sociais: não utiliza drogas, não se encontra em conflito com a lei, tampouco partilha de sintomas reveladores de expressivo sofrimento. Todavia, ao buscar a memória do passado, parece também demandar um laço com o que veio antes, com aquilo que o constituiu e do qual pouco “sabe”.

Pautado por diálogos carregados de significação, o filme revela, na busca de Jonathan, o ímpeto do humano em buscar um sentido para a sua existência. O personagem supõe poder encontrar tal sentido no passado, pela rememoração. Essa intuição é, por certo, compartilhada por um sem número de indivíduos que supõe que a memória, o registro, o testemunho constituem ícones para o combate contra o caos social, a errância e a imponderabilidade das ações na passagem pelo tempo. Além disso, a obsessividade pelo recolhimento de objetos revela também uma angústia, a ânsia por determinar um sentido e um lugar às “coisas” e a si mesmo.

Nesta direção, questionamos: quais estratégias discursivas seriam possíveis, na atualidade, para lidar com o traumático e com o irrepresentável? Ora, sabemos que a memória armazenada cresce na mesma medida em que diminui a capacidade de rememoração ativa. Assim, parece que as condições sociais da modernidade em diante geraram uma espécie de órgãos compensatórios de rememoração, retirando da memória coletiva e social a responsabilidade pelo dizer e pelo narrar reclamadas por Benjamin. Ou seja, a memória moderna parece

apresentar-se como o avesso da memória proposta por Benjamin. Todo desejo intenso de deixar marcas no presente, transformando as vivências em memória materializada, está relacionado a uma certa mutação na relação com a noção de tempo: é como se uma nova estrutura de temporalidade estivesse em jogo. A aceleração atual destrói o espaço e apaga a distância temporal. Disso resulta uma percepção diferente de tudo, o real não é mais referência, o presente sucumbe ao poder mágico da simulação e o sujeito pós-moderno se dissolve no mundo imaginário das imagens (HUYSSSEN, 2000).

A tipologia da experiência: registro e transmissão

Para a Psicanálise, registrar é representar o que se inscreve no corpo, desde a relação com o Outro, é também o que permite que o sujeito saiba quem ele é e qual é o seu nome. Ou seja, o registro é uma outra forma de falar do sujeito e da memória. Jonathan, ao colecionar pedaços de vivências suas e de outros, parece demonstrar a necessidade de construir sentido e significação aos acontecimentos de sua vida. Com efeito, tal tarefa de coleta do passado pelas marcas do presente parece caracterizar o cerne da investigação do filósofo alemão Walter Benjamin acerca da experiência, do tempo, do saber e da tradição.

Desde seus textos juvenis, compilados pelo título de *Metafísica de la Juventud* (BENJAMIN, 1993), Benjamin interessou-se pelo tema da experiência e seus desdobramentos. O filósofo da aura, como era chamado, preocupava-se em elaborar um conceito de experiência articulado à construção de novas categorias de temporalidade, relacionadas à valorização do presente e à crítica da concepção de um passado

imobilizado. Para ele, a *Erfahrung* (experiência) era a sabedoria que se acumulava historicamente e se prolongava através da transmissão da tradição. Nesse sentido, sua ambição foi construir um outro conceito de experiência que a reconciliasse com o *novo*, recuperando sua dimensão original de tentativa e de risco, uma experiência passível de questionar o passado como repetição mitológica do mesmo. Não se tratava, obviamente, de negar o laço existente entre a experiência e o tempo – o qual poderia caracterizar o sentido da experiência dos mais velhos, dos adultos – mas, antes, destacar o caráter original da experiência que não se reduz a um mero acúmulo de vivências.

Tal diferenciação surge na pena precisa do filósofo alemão. Benjamin opera uma diferenciação importante quando conceitua a experiência, diferenciando-a da vivência. Diz que, enquanto a *Erfahrung* seria a experiência em seu sentido forte, genuíno e original, a *Erlebnis*, a vivência, seria a experiência própria do sujeito moderno que atropelado pelo choque das multidões e pelo ritmo industrial torna-se refratário e mesmo incapaz de viver experiências mais densas. Essa tipologia da experiência associa-se, em Benjamin, a um julgamento de valor moral e histórico. A referência de Benjamin a uma autêntica experiência remete, em sentido estrito, a algo que se dá necessariamente no e pelo coletivo, passível de ser comunicado, transmitido e continuado. A experiência genuína resultaria, assim, de um processo gradativo de amadurecimento do indivíduo humano, na aceitação e no acolhimento de ritos, gestos e ações que configurariam as formas de expressão individual em uma rede de significantes coletivos. De outro lado, a vivência (*Erlebnis*), própria da era moderna, é

uma espécie inferior de experiência, infértil no campo da ação humana. Para Benjamin, nenhum significado pode ser apreendido de uma vivência, pois ela finda sua ação em seu próprio aparecimento (PEREIRA, 2005).

A experiência benjaminiana não refere meramente uma faculdade cognitiva, ela se situa para além do empírico, não sendo por isso apenas um lugar em que as coisas chegam ao indivíduo. A experiência de Benjamin, a *Erfahrung*, é fundamentalmente origem, potência, um sempre começo: a dimensão por intermédio da qual se faz possível a criação, a escolha, o atravessamento, a deliberação. A palavra “experiência” (*Erfahrung*) remete, com efeito, em alemão, à “viagem” (*Fahrt*) – a qual induz a uma categoria de ordem espacial. É também, sob um outro ponto de vista – o da tradição – uma “visão de fundo”, (do tempo) que se perfaz como sabedoria (PEREIRA, 2005). O interessante é que, para Benjamin, ao se modificar a estrutura da experiência, modifica-se também o modo como o sujeito se relaciona com o tempo e com o espaço.

Tais intuições acerca da experiência, da vivência, do tempo e da Modernidade encontram-se enleadas à discussão erigida pelos pensadores vinculados ao Instituto de Pesquisa Social de Frankfurt¹. O pós-guerra, na visão de Benjamin, produzira gerações sem histórias para contar, presas de uma intensa sensação de desamparo. Sujeitos silentes, incapazes de narrar a horrível experiência.

Entendemos que os questionamentos propostos por Benjamin aproximam-se do discurso da Psicanálise, pois, em

¹ O Instituto de Pesquisa Social de Frankfurt ficou mais conhecido como a Escola dos Pensadores de Frankfurt, da qual fazia parte, entre outros, Theodor Adorno.

seus fundamentos encontram-se a subversão do sujeito da razão. Se, para a Psicanálise, trata-se sempre de buscar o sentido cifrado no sintoma apresentado pelo sujeito, apontando com isso o caminho do inconsciente como produtor dos atos, a leitura de Benjamin também ambiciona a busca do sujeito da experiência, aquele que se deixa levar pelo tempo orgânico e não pelo tempo da máquina. Aquele que, como o *flâneur* de Baudelaire, deixava que as marcas de seu Desejo pontuassem o trajeto por onde passava (GURSKI, 2008).

Seja como for, é interessante perceber como na crítica que Benjamin faz às novas condições sociais está implícita uma reflexão sobre o tempo e os entraves ao acolhimento de suas marcas na Modernidade. A pobreza da experiência e a pressa desmedida denunciadas por Benjamin constituíam para ele a nova barbárie: estar desprovido do passado significa não só constatar a pobreza do presente, mas também e, sobretudo, sinalizar a urgência de inventar e construir o *novo*. O *novo* para Benjamin pode ser tomado como a produção do sujeito, o que decanta como marca daquele que se autoriza enquanto autor/produtor de uma experiência.

Entre o passado e o futuro: a adolescência contemporânea e a feitura do *novo*

Como fazer para que o passado não se transforme em uma lembrança nostálgica hermeticamente fechada em um acervo chamado memória? Como operar para que não tenhamos passado morto, somente histórias vivas a ponto de se deixarem reescrever pelas letras do presente?

O jovem talvez possa ser tomado como o paradigma social daquele que

testemunha uma herança, tanto em termos pessoais quanto geracionais. Tal posição o impele a *desconstruir* o que recebeu. É preciso fazer uma nova montagem, encontrar um lugar próprio de enunciação.

Nesse sentido, Arendt (2001, p. 28) é pontual ao, no prefácio do livro *Entre o Passado e o Futuro*, recolher o aforismo do poeta e escritor francês René Char, *Notre héritage n'est précédé d'aucun testament*; neste recolhimento, ela aponta para uma ruptura no legado do passado cujo sentido é o de impossibilitar que um futuro advenha. Isso porque, em sua visão, “cada nova geração, e na verdade cada novo ser humano, inserindo-se entre um passado e um futuro infinitos, deve descobri-los e, laboriosamente, pavimentá-lo de novo” (ARENDRT, 2001, p. 28). Porém, parece que as práticas sociais desta época, associadas à dificuldade cada vez maior de os adultos se colocarem como sujeitos desejantes, impossibilitam que o passado seja sorvido pelo jovem no diapasão proposto por Arendt (2001).

Arendt fala da importância de uma dose de tradição na educação, ou seja, a condição para que se produza o *novo* é que aquele que chega se encontre com o velho. Jonathan, ao buscar a “*Heritage Tours*”, uma empresa familiar que leva os judeus “ricos” da América a se encontrarem com seu passado, procura a moça da foto, supostamente a responsável pela vinda de seu avô para a América. Os efeitos de sua busca extrapolam os limites de sua vida e produzem efeitos em Alex, um jovem ucraniano preso ao imaginário da fama e do poder da cultura ocidental que, como guia turístico, acompanha Jonathan em sua jornada.

Na companhia do avô e de Jonathan, Alex procura de maneira “inconsciente” e, portanto, não deliberada, seu passado.

É o passado de uma maneira geral que ilumina o presente daqueles que buscam por ele. Como Jonathan, o personagem Alex aciona o passado por intermédio de traços que aduzem a uma marca construída coletivamente. Com efeito, ambos os personagens foram como que encontrados pela memória do passado; não é o passado que foi aí encontrado por eles por força de um desígnio premeditado, de uma “busca rígida”, mas, antes, o passado que se apresentou a esses de maneira mesmo involuntária. Essa ideia encontra-se embutida nas categorias da memória dispostas por Benjamin², a saber, a memória voluntária e a memória involuntária.

Como Proust, Benjamin entende por memória voluntária toda a sorte de vivências passadas que poderiam ser acessadas arbitrariamente pelo intelecto, sendo assim, a memória voluntária diria respeito mais a uma capacidade de desagregação que propriamente de conservação. Isso explica porque, para Benjamin, esse tipo de memória é precária, visto que lega à lembrança a função de resgate do passado (PEREIRA, 2007). Segundo o filósofo alemão, a memória voluntária é uniforme, limitada, restrita e sujeita “aos apelos da atenção”. “*As informações sobre o passado, por ela transmitidas, não guardam nenhum traço dele*” (BENJAMIN, 1989, p.106). Não obstante, por memória involuntária Benjamin compreende o tipo de memória que reintegra o indivíduo a uma espécie de experiência mais próxima da verdadeira; ela lança o sujeito a uma outra dimensão espaço-temporal na qual o passado pode de fato ser contemplado (PEREIRA, 2007).

² Pensamento balizado pela notação conceitual de Marcel Proust, na obra *Em busca do tempo perdido*.

Acerca do tema da memória, Maria Rita Kehl nos fornece uma compreensão que permite redimensionar do ponto de vista psicanalítico as categorias de Walter Benjamin. Para Kehl (2001) a memória estaria dada em dois registros distintos. Um seria o registro que dá consistência ao sujeito e promove uma ligação duradoura entre o *moi* e o *je*, enquanto o outro seria o registro da rememoração e da transmissão: o sujeito que marca a presença no registro daquilo que experienciou. Pode-se tomar o segundo como o registro da ordem inconsciente, não do conhecimento; ele constitui um saber que decanta, que faz trânsito entre o sujeito e o Outro, é aquilo que faz passagens e cria pontes ao estabelecer trajetos possíveis entre os diferentes tempos.

Nesse diapasão, Ana Costa (2001) associa experiência e testemunho. Segundo a psicanalista, os dois conceitos andam juntos, pois o ato de testemunhar e narrar é sempre endereçado a um outro, mostrando no próprio endereçamento a insuficiência do sujeito e, portanto, do Outro³.

Pensamos que essa dimensão da falta contida na transmissão é a vertente evocada por Benjamin ao chamar de “calor” aquilo que o homem moderno buscava nos romances: o saber que, diferente do conhecimento e da informação, faz laço porque evoca o vivido como narrável e historicizável. A possibilidade de que das vivências decantem experiências, narrativas e testemunhos, parece ser o que “aquece” o laço humano.

³É preciso sublinhar que, se o Outro fosse pleno, os sentidos seriam cerrados e não haveria espaços possíveis para a inscrição das marcas do sujeito.

Considerações finais

Como já referido anteriormente, o tema da representação na adolescência ganha um vulto intenso. Vamos nos servir, neste final, da metáfora do exílio para falar da passagem adolescente. É como se, desde o lugar de exilado, o adolescente estivesse autorizado a testar os traços que irão representá-lo, exercitando, assim, as tentativas de inscrever um estilo próprio, criando e inventando um lugar psíquico e social para si (COSTA, 2001).

Pois será nas terras deste exílio que os jovens irão se deparar com aquilo que pode ser o mais caro à sua constituição psíquica, o encontro com o sexo e a morte: a dimensão de real que cobra um preço alto de elaboração. Parece que as experiências intensas vividas em meio ao exílio e às margens também revelam o teor do que eles demandam elaborar por conta desse momento lógico da estruturação. Nesse sentido, perguntamo-nos sobre a busca de Jonathan na viagem ao passado. Será que sua busca testemunha a redução da experiência contida na transmissão que recebe daqueles que vieram antes⁴?

Ora, o grande trabalho psíquico da adolescência é operar a partir da transicionalidade entre o campo familiar e o campo da cultura. Assim, na medida em que a passagem do Outro parental para o Outro social acontece, o jovem debate-se, destruindo e reconstruindo referências e conceitos de si e do mundo.

Tal movimento de desconstrução e reconstrução, percebido no conceito de transmissão, além de dialogar com algumas questões abertas por Benjamin,

⁴A expressão alude ao que Hannah Arendt (2001) discute no texto *A Crise da Educação*, como a responsabilização dos adultos com o mundo ao qual trouxeram as crianças.

também pode ser associado à movimentação psíquica própria da adolescência. Entre outras interrogações, tal conceito evoca uma questão importante para a Psicanálise contemporânea, bem como para o adolecer: como lidar com a herança e o passado em uma medida que possibilite a emergência do *novo*?

Apostamos que o personagem de Jonathan constitui o paradigma de um herdeiro contemporâneo, pois ao buscar o velho, o passado e a história ele se deixou levar ao encontro do *novo*. Junto com Benjamin e Arendt também acreditamos que para que uma experiência venha a ser uma herança transmissível, é preciso que se constitua um sujeito que banque o encontro com os tesouros do passado, sem temer ir às profundezas, para que dali possa emergir o verdadeiramente *novo*.

Referências

- ARENDETT, H. **Entre o passado e o futuro**. São Paulo: Perspectiva, 2001.
- BENJAMIN, W. **Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo**. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- BENJAMIN, W. **Metafísica de la Juventud**. Barcelona: Paidós, 1993.
- BENJAMIN, W. **Experiência e Pobreza**. In: BENJAMIN, W. **Magia e Técnica, Arte e Política**. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 114-119.
- COSTA, A. M. **Corpo e Escrita: relações entre memória e transmissão da experiência**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2001.
- FREUD, Sigmund. **Psicologia das Massas e Análise do Eu. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, vol. XVIII, 1980.
- GURSKI, R. (2008). **Juventude e paixão pelo real: problematizações sobre experiência e transmissão no laço social atual**. 2008. 213f. Tese (doutorado) – Programa de Pós-graduação em Educação, UFRGS, Porto Alegre, 2008.
- HUYSEN, A. **Seduzidos pela Memória: arquitetura, monumentos e mídia**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.
- JERUSALINKY, Alfredo. **Adolescência e Contemporaneidade**. In: MELLO, A.; CASTRO, A.L.S.; GEIGER, M. **Conversando sobre adolescência e contemporaneidade**. Conselho Regional de Psicologia, Porto Alegre: Libretos, 2004.
- KEHL, M. R. **Minha vida daria um romance**. In: BARTUCCI, G. **Psicanálise, literatura e estéticas da subjetivação**. Rio de Janeiro: Imago, 2001, p. 57-90.
- LACAN, J. (1961/1962). **Seminário 9: A Identificação**. Publicação para circulação interna. Seminário Inédito. Tradução Ivan Correa e Marcos Bagno. Recife: Centro de Estudos, 2003.
- PEREIRA, M. **No fio da navalha da experiência: sentidos e possibilidades do educar**. **Revista da Fundarte**, 10, p. 08-12, 2005.
- PEREIRA, M. **Nos descaminhos da memória: Benjamin leitor de Proust**. **Graphos**, 9, 2, p. 189-202, 2007.